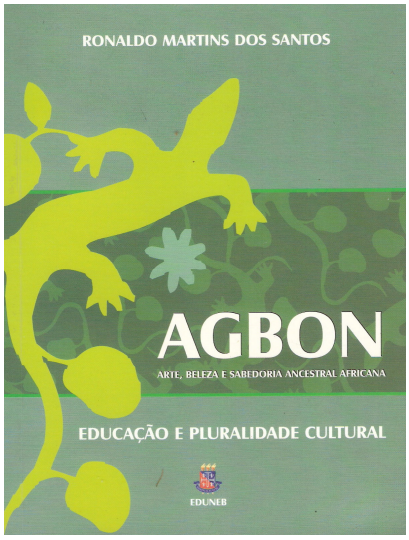
A FLORESTA DE SÍMBOLOS AFRICANO-BRASILEIRA

Narcimária Correia do Patrocínio Luz[1]

MARTINS, Ronaldo. *Agbon*: arte, beleza e sabedoria ancestral africana. Salvador: EDUNEB, 2008, 193 p.



O livro *Agbon*: arte, beleza e sabedoria ancestral africana é um desdobramento da dissertação de Ronaldo Martins, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade e do Programa Descolonização e Educação-PRODESE. Em *Agbon*, nos aproximamos de uma abordagem singular que apresenta questões candentes, sobretudo a recusa ao cartesianismo que submete as crianças e jovens africano-brasileiros à estética do mundo neocolonial. As proposições das linguagens estéticas que singram toda a dissertação enaltecem e legitimam o nosso solo de origem eminentemente africano-brasileiro, de onde se desdobram projeções político-pedagógicas transdisciplinares necessárias ao cotidiano da escola.

Os/as mais antigos/as nos contam que quando Oxalá, orixá que representa o ar, veio a esse mundo, criou os seres humanos e para cada ser humano criou uma árvore. As árvores carregam o princípio de ancestralidade e são elas que estabelecem a dinâmica da relação entre os seres humanos e a natureza. Oxalá possui poderes que garantem a existência e, pela sua importância no panteão nagô, merece respeito e atenção. Se for contrariado ou desrespeitado, ele pode causar grandes danos, tal o seu poder.

Das árvores criadas, algumas se destacam nessa relação simbólica, a exemplo do dendezeiro com seus frutos, folhas e taliscas. Os frutos do dendezeiro compõem os instrumentos de Ifá, ou seja, a forma tradicional que o povo nagô/iorubá utiliza, para consultar sobre os destinos dos seres humanos. As folhas estão relacionadas ao culto dos ancestrais masculinos, os mariôs, representando filhos, descendência ininterrupta. As taliscas, de onde as folhas se desprendem, representam os ancestrais. Nesta estética do sagrado, as árvores são as responsáveis pela purificação do ar para que os seres humanos tenham plenitude de vida.

Na floresta habitam os espíritos ancestrais e nela são realizadas as iniciações. Essa dimensão sagrada da floresta envolve árvores frondosas que, entrelaçadas aos mistérios da existência, tecem os princípios da ancestralidade africana, de onde se desdobra a corrente sucessiva de gerações que mantêm, com dignidade, o legado dos seus antepassados, repõem e expandem o universo mítico-simbólico que sustenta as

[1] Doutorado em Educação, Pós-Doutorado em Comunicação e Cultura; Professora Titular Plena do Departamento de Educação Campus I da Universidade do Estado da Bahia-UNEB; Coordenadora do PRODESE- Programa Descolonização e Educação.

tradições de um povo, suas instituições, organizações territoriais e políticas, valores, linguagens, modos de afirmação existencial e sociabilidades. Toda a dinâmica da civilização africana e seu *continuum* nas Américas constituem uma exuberante floresta de símbolos[2], envolta em sacralidade onde repousa uma dimensão estética que torna a arte conceitual e simbólica.

Em *Agbon*: arte, beleza e sabedoria ancestral africana, o autor Ronaldo Martins nos aproxima da riqueza da floresta de símbolos africana contida na arte escultórica e nos contos de Mestre Didi Asipá, uma das mais expressivas lideranças do *continuum* africano nas Américas. Pertencente a importante linhagem de Ketu, Mestre Didi teve sua iniciação no culto do orixá Obaluaiyê que junto aos orixás Nanã e Oxumarê, compõem o panteão da Terra, expressões míticas que nucleiam sua obra.

Seu compromisso como Assogbá, Sacerdote Supremo, título que recebeu de Mãe Aninha Iyalorixá Oba Biyi, é executar e sacralizar os emblemas rituais de seu culto, e isso o torna herdeiro e continuador dessa experiência ancestral africana. Desde a sua infância Mestre Didi produz objetos rituais, cuja extensão são belíssimas recriações no campo das artes, obtendo consagração nacional e internacional. Além disso, muito pequenino teve o privilégio de viver imerso no universo mítico literário africano, que o levou a adaptar diversos contos que vêm influenciando sobremaneira a proposição curricular de iniciativas de vanguarda na área de educação, como a Mini Comunidade *Oba Biyi* (1976 a 1986), primeira experiência de educação pluricultural fundamentada nos princípios e valores do patrimônio milenar africano recriado no Brasil.

Percorrendo as entranhas da floresta de símbolos africano-brasileira, Ronaldo conseguiu reconhecer a intensidade do vivido e, nele, saborear a complexa sociabilidade ético-estética proporcionada pelos contos e esculturas de Mestre Didi. Como bem observa o autor:

> *Mestre Didi e sua história de vida nos terreiros de culto aos orixás e ancestrais, se constituíram como um precioso acervo, uma árvore de sabedoria ancestral africana em solo brasileiro que alimenta a proposta de educação pluricultural [...] Mestre Didi tece os signos carregados de sentimento e significados que compõem a arkhé do grupo comunitário nagô no Brasil, constrói tramas de princípios, desejos, sonhos, atualiza conceitos, idéias, ritmos, inventa formas repletas de histórias e seus fundamentos, rega a terra dos nossos ancestrais africanos que nos concederam esse conhecimento, fortalece o axé, a força vital que move o existir, e como um exemplo de educador concede através de sua arte conteúdos educativos que possibilitam uma reconstrução constante das identidades afro-brasileiras, preciosos recursos de diálogos entre o passado e o presente, entre a tradição e a contemporaneidade....*

Assim, *Agbon* é um livro que desenvolve uma abordagem singular, repleta de questões candentes, recusando o cartesianismo predominante no currículo escolar sobre o "ensino de artes", que tende a submeter nossas crianças e jovens à estética do mundo neocolonial que denega a floresta africana, impondo o seu esgotamento. As linguagens estéticas que singram todo o livro enaltecem e legitimam o nosso solo de origem eminentemente africano-brasileiro, de onde se desdobram projeções político-pedagógicas transdisciplinares necessárias ao cotidiano da escola.

Como educadora, uma emoção muito particular me cala na leitura do livro: identificar em *Agbon* a ousadia em estabelecer a dinâmica "da porteira pra dentro da

[2] TURNER,Victor. *The Forest of Symbols*. New York: Cornel University, 1972.

porteira pra fora", parafraseando Mãe Senhora a Iyá Oxum Miuwá, cuja sabedoria incentivava as comunalidades de referência africano-brasileira a não abrir mão do seu patrimônio civilizatório, encorajando-as a terem orgulho do que são, expandindo a sua existência.

É nessa dinâmica da "porteira pra dentro da porteira pra fora" que Ronaldo encontrou a arte de Mestre Didi, cuja riqueza ético-estética condensa o panteão da Terra nos (re)ligando à floresta sagrada de símbolos africanos, que com certeza é um universo capaz de influenciar contemporaneamente modos e formas de comunicação que enalteçam a nossa alteridade civilizatória.

O livro de Ronaldo Martins contribui de modo valioso para estabelecer um cotidiano escolar que consiga erguer vínculos de sociabilidade que afirmem o direito à existência de crianças e jovens das comunalidades da Bahia. Para isso, ele não mediu esforços em apresentar proposições de linguagens criativas assentadas na floresta de símbolos africano-brasileira, estendendo-as até a sala de aula no contexto da disciplina Artes.

Todas as crianças e jovens vivendo a plenitude da floresta dos símbolos explorados em *Agbon*: arte, beleza e sabedoria ancestral africana, no contexto do currículo escolar, intercambiaram com alegria e satisfação as possibilidades didático-pedagógicas apresentadas, isto porque perceberam que ali estavam contidos aspectos preciosos do pensamento africano e suas atualizações nas Américas. Conduzindo o texto que nos transporta à floresta que compõe a dinâmica *Agbon,* o artista plástico e educador Ronaldo Martins, nos aproxima de agemô, o camaleão,símbolo fundamental no processo de criação do livro.

O camaleão é um animal importante nas narrativas míticas do povo yorubá, a exemplo da criação do mundo em que aparece como colaborador de Oduduwa. Oduduwa convocou Agemô para sondar se a Terra já estava firme e pronta para recebê-lo. Agemô desceu a Terra, e foi colocando devagarinho uma pata, depois a outra e foi pisando com bastante cuidado, olhando, apurando, identificando os lugares que estavam firmes ou frágeis, duros ou moles... Foi andando bem de mansinho até se certificar de que a Terra estava preparada e segura para receber Oduduwa. Enquanto caminhava, ele cantava:

Ô lê
Kô lê
Está forte
Não está forte

Ô lê
Kô lê
Está forte
Não está forte

Agemô cumpriu com êxito a sua tarefa e avisou a Oduduwa que já podia descer. Oduduwa desceu numa corrente, pisou na terra deixando sua pegada que até hoje pode ser vista em Ilê Ifé, tornando-se o primeiro Olofin. Agemô tem o poder de transformar-se em diversas cores e através delas invocar a harmonia e a paz no mundo.É o elo entre Olorum e a humanidade.

Agemô, portanto, é um símbolo valioso no livro, ajudando a sustentar de modo especial as argumentações teórico-metodológicas exploradas por Ronaldo,vinculadas ao "corpo de saberes apreendidos pelos nossos antepassados africanos na estreita relação com plantas, pedras e animais como o camaleão, percebendo os seus ciclos de nascimento, crescimento e morte tornaram-se elementos simbólicos constitutivos dos enredos que estruturaram a cultura afro-brasileira nagô e dão forma às suas refinadas concepções filosóficas."

A referência à floresta de símbolos africano-brasileira que compõe o livro *Agbon* apela para a vivência e convivência com as árvores e todas as narrativas míticas que elas carregam, inspirando esculturas, danças, contos, dramatizações, cantos, uso de

instrumentos percursivos, cujos toques falam/comunicam relatam histórias que anunciam os primórdios da humanidade, indicando princípios e valores para que o corpo comunitário se expanda e dê continuidade aos elos de ancestralidade que projetam e anunciam a infinitude de *Agbon.*

Mas, esperem um pouco.

Estão ouvindo uma cantiga que vem de longe, lá do coração da floresta?

Psiu!

Escutem...

Ô lê	*Está forte*
Kô lê	*Não está forte*
Ô lê	*Está forte*
Kô lê	*Não está forte*

Ah!

É agemô! O camaleão símbolo de *Agbon:* arte, beleza e sabedoria ancestral africana! Ele está se aproximando e nos convidando para conhecer a poesia da floresta de símbolos (re)criada com maestria por Ronaldo Martins. Escutem agemô com o coração e procurem extrair, das imagens e narrativas que regem o todo o livro, as linguagens que levantam a auto-estima das nossas crianças, adolescentes e jovens que precisam urgentemente (re)aprender a encontrar seu lar ancestral e com ele e através dele, assumir a plenitude de **ser** e ter orgulho da sua descendência africana.